

A oralidade nordestina representada por Graciliano Ramos na obra “Alexandre e Outros Heróis” (1938)

Caroline Moema Dantas Santos¹

Resumo: Este trabalho apresenta uma análise da obra “Alexandre e Outros Heróis” de Graciliano Ramos, com o objetivo de apresentar os elementos que evidenciam o contexto sociocultural nordestino, os quais reafirmam a importância da formação da identidade regional. A referida obra foi publicada no ano de 1944 pela Editora Leitura, sendo de caráter infanto-juvenil e baseada em histórias do folclore do Nordeste. Para organização do presente artigo optou-se por uma metodologia de pesquisa do tipo historiográfico, tendo como referências teóricas os trabalhos de Durval Muniz de Albuquerque Júnior, Marilene Felinto, Carlos Alberto dos Santos Abel, Rui Mourão, dentre outros que contribuíram de maneira significativa com seus estudos sobre vida e obra de Graciliano Ramos. Deste artigo resulta a compreensão de que a obra analisada possui o caráter regionalista das demais produzidas pelo autor, podendo adentrar o âmbito da produção científica e historiográfica interessada aos estudos da cultura do Nordeste.

Palavras-chave: Nordeste. Literatura Infantil. Cultura.

The northeastern orality represented by Graciliano Ramos in the book "Alexander and other heroes" (1938)

Abstract: This paper presents an analysis of the work "Alexander and other heroes" by Graciliano Ramos, with the goal of presenting the elements which highlight the cultural and social context of the Northeast, which reaffirm the importance of the formation of regional identity. This work was published in the year 1944 by reading being youth and character based on stories from the folklore of the Northeast. For the Organization of this article has been a historiographical type research methodology, with theoretical references the work of Durval Muniz de Albuquerque Junior, Marilene Felinto, Carlos Alberto dos Santos Abel, Rui Mourão, among others who have contributed significantly to his studies of the life and work of Graciliano Ramos. This article follows the understanding of the work scrutinized has the character of regionalist produced by author and may enter the scope of scientific production and historiographical interested to study the culture of the Northeast.

Keywords: Northeast. Children's Literature. Culture.

Artigo recebido em 12/05/2016 e aceito em 19/06/2016.

1. Introdução

A obra “Alexandre e Outros Heróis” foi escrita por Graciliano Ramos em 1944. Composta por histórias coletadas pelo autor sobre o folclore alagoano, tal obra foi reeditada postumamente em 1962 e passou por alterações posteriormente, ficando dividida em três partes distintas: “As Histórias de Alexandre”, escrita em 1938; “A Terra dos Meninos Pelados” de 1937; e a “Pequena História da República”, datada de 1940. Trata-se, neste estudo, do 53º volume de “Alexandre e Outros Heróis”, publicado em 2008 pela Editora Record, porque tal volume é o mais recentemente publicado e também o mais acessível. Destaque-se o fato de os três pequenos livros que compõem a obra não discordarem entre si, antes mantem-se unidos por certos laços estabelecidos pelo autor com a cultura do Nordeste que vão muito além da ficção a qual estariam presos as personagens. “Cada livro de Graciliano é diferente do outro, porém cada um é parte duma unidade^{II}”.

“Pirundo” é a personagem de “A Terra dos Meninos Pelados”, um mundo bem mais ameno, livre das obrigações e hostilizações em que vive, do mundo real ao qual retorna. A “História da República” é a história da luta intelectual, conhecida do autor. Como Pirundo, comprometido com sua cidade, Alexandre incita-a e enfrenta-a, investigando-a bem detalhadamente com o olho da sua personagem. Não o olho de inventar maravilhas, mas o olho torto, atravessado, de ver claro as coisas. Alexandre”, inspirado na sua imaginação, é hábil e herói de grandezas. Ele cria um mundo que o compensa da sua penúria em “As Histórias de Alexandre”. Que realidade é esta retratada na obra infantil “Alexandre e Outros Heróis”, de Graciliano Ramos? Essa é a questão principal deste texto?

O objetivo principal do artigo é analisar a obra infantil intitulada “Alexandre e Outros Heróis” sob o ponto de vista da cultura que identifica o Nordeste como região na década de 1930 do século passado. As personagens de Graciliano Ramos narram uma história que traduz a miséria e a marginalização a que estava relegado o povo da região que ficou conhecida como Nordeste durante o primeiro período Republicano no Brasil. As histórias de seus romances dão acesso às múltiplas representações do Nordeste brasileiro, inclusive a mendicância declarada que o povo nordestino vivia durante o governo repressivo de Getúlio Vargas (1930-1945).

Os “Traços da Oralidade no texto de Graciliano Ramos: ‘Alexandre e Outros Heróis’ – 1938” já foram considerados para efeito de um estudo monográfico^{III}. Da releitura dessa monografia adveio este texto, no qual se busca perceber aquela obra como uma literatura regionalista à luz de diferentes vertentes de interpretação. Os trabalhos que fundamentam o texto lembram que as obras de Graciliano Ramos foram produzidas durante a segunda fase do Modernismo, algo de suma importância para entender que se trata de uma literatura que reconstitui as questões políticas e sociais em formato de prosa. De fato, a literatura é utilizada por muitos escritores da época para descobrir e pensar uma região.

O regionalismo é visto como um elemento da nacionalidade brasileira, desde seus primórdios, quando as enormes distâncias autonomizam “focos genéticos de povoamento” e a rivalidade entre as regiões teria seguido, lado a lado, a animosidade contra a metrópole. As regiões, no Brasil, se definiriam, então, por histórias diferentes, grupos espirituais típicos; com usos, heróis e tradições convergentes^{IV}.

É característica dos romances regionalistas o resgate das narrativas populares, a memória das narrativas do homem moderno, pois eles tinham como proposta garantir o não esquecimento do espaço regional, sua paisagem, tipos humanos, relações sociais, símbolos e imagens que pontilham o território estriado pelo poder. “Alexandre e Outros Heróis” é uma obra regionalista e representa a cultura nordestina na medida em que o autor dedica-se a

alcançar o interesse das crianças, sem deixar de compartilhar as suas impressões acerca de um momento, a exemplo da aversão que sentia pelos livros infantis produzidos em sua época, cheios de “coisas pesadas, estopantes e xaropadas” - livros odiáveis que as crianças não compreendiam. Carlos Alberto dos Santos Abel (1999), tratando da vida pessoal do escritor afirmou: “Graciliano cria que o escritor só podia escrever algo que tivesse mundivivência. Condenava os literatos que tratavam de fatos, lugares e pessoas sem uma experiência apriorística do assunto narrado”^V.

Os temas tratados por Graciliano Ramos, geralmente, remetem aos acontecimentos sociais marcantes daquela época, como a crise econômica provocada pela quebra da bolsa de valores de Nova York, a crise cafeeira no Brasil, a Revolução de 1930 e o declínio econômico, como se vê nestas obras: “Vidas Secas”, “São Bernardo” e “Angústia”, verdadeiros ícones da carreira do autor. De fato, tais obras abordam com certa frequência temas como seca, latifúndio monocultor e escravidão, relacionados ao Nordeste de 1930, embora isso não ocorra com exclusividade. Na verdade, para além do perfil da escrita e da suas influências na literatura brasileira, Graciliano Ramos precisa ser compreendido também como autor de literatura infantil, embora isso não signifique distanciá-lo das características gerais dos seus livros. “Alexandre e Outros Heróis” não é menos importante do que as demais obras dele e não deve permanecer relegada ao esquecimento. É preciso reconhecer o livro infantil como um objeto de estudo importante para compreensão da cultura nordestina.

Nesse ponto da discussão cabe informar a História Cultural como a perspectiva analítica escolhida, a qual é compreendida como uma área no contexto das transformações científicas vivenciadas pelo mundo Ocidental nas últimas décadas. Com Peter Burke, a História cultural divide-se em dois eixos de identificação: como herdeira e questionadora de uma história cultural do século XVIII e como herdeira da tradição historiografia francesa, conhecida como história das mentalidades, que surgiu na década de 1960^{VI}. Essa prática historiográfica é bastante difundida atualmente, embora o seu sucesso, seus conceitos e sua história não possuam uniformidade entre os historiadores. Na verdade, o processo de formação da historiografia brasileira está intimamente ligado ao desenvolvimento da nova história cultural que desconstruiu o interesse pela história dos grandes homens e das grandes datas em favor dos acontecimentos comuns. A história deixou de ser objetiva e passou a estar sujeita às referências sociais e culturais de um determinado período. Os séculos XIX e XX foram influenciados pela história cultural, porém somente no final da década de 1980, a política passou a ser pensada além das instituições e a história pensada além da política, em função de uma necessidade de ir além dos documentos escritos e dos registros oficiais^{VII}. Assentado em tais pressupostos teóricos e metodológicos, o texto a seguir apresentado encontra-se estruturado com informações que vão do autor e sua forma de escrever aos seus heróis, representantes da cultura regional, com todos os elementos que a identificam, principalmente os traços da oralidade.

2. De Graciliano Ramos a “Alexandre e Outros Heróis”: a cultura regional nordestina

Provavelmente, a brutalidade tenha marcado Graciliano Ramos, tornando-o homem e autor áspero, como as personagens que ele criou. Talvez, as relações conflituosas e agressivas da infância, inclusive com a sua mãe, a submissão e a intolerância que lhe assinalaram a vida tenham emprestado os traços característicos das personagens de suas histórias. Figuras solitárias são típicas nas obras dele, evidenciando-se nos clássicos: “Angústia” (1936), “A Terra dos Meninos Pelados” (1937), “Vidas Secas” (1938) e “Infância” (1945). Wander Miranda (2004) observa que a literatura e a experiência se confundem na obra de Graciliano Ramos como se fossem a urdidura de uma trama comum e se revelam sob a forma de

sinceridade e ausência de amor que lhe são tão características. O amor era para ele como “[...]mesa de pobre, só existia em cuias mingradas e, quando aparecia era logo substituído por outros, como pena e o ciúme^{VIII}.

Aquela urdidura transformou o alagoano Graciliano Ramos, nascido em Quebrangulo, no ano de 1892, em um grande nome da literatura nacional. Ele estudou em Maceió e não chegou a cursar nenhuma faculdade, mas se fez prefeito em Palmeira dos Índios (AL), onde o pai mantinha comércio. Graciliano Ramos só entrou na política por ver nela uma saída para suas necessidades financeiras, tendo sido convencido, com muita insistência, pelos amigos que tinha nos diferentes grupos políticos da época. O seu nome era consenso em todas as indicações dos partidos políticos.^{IX} O jornalismo foi uma opção. Ele dirigiu a “Imprensa Oficial” e a Instrução do Estado de Alagoas em 1930, onde sempre se mostrou preocupado com os problemas do ensino no Brasil. No Rio de Janeiro, chegou a ser revisor de jornais como “Correio da Manhã”. Preso, em 1936, sob a suspeita de ter ligações com o Partido Comunista Brasileiro (PCB), quando solto, filiou-se realmente em 1945 ao Comunismo, viajando por vários países socialistas. Faleceu na capital carioca, vítima de câncer, no ano de 1953, já consagrado como romancista^X.

A escrita de Graciliano Ramos é enxuta, sem muitos adjetivos ou qualquer palavra que alongue demais suas descrições e narrações. As personagens são figuras marcantes do contexto social brasileiro da década de 1930, o que vem evidenciar mais uma vez o perfil da literatura desse autor, baseada na construção de uma cultura regional. É acessível a um perfil diversificado de leitor, sem melindres e enfeites, baseada em sua vivência. Pode-se mesmo vislumbrar um caráter autobiográfico na sua obra, apesar dessa visão parecer restrita e limitada à subjetividade que reduz o mundo à dimensão particular do autor; mas, no momento em que a obra é desvendada pelo leitor, a subjetividade transforma-se em expectativa, porque além da utilização de suas experiências, Graciliano Ramos também enriquece sua literatura com fatos históricos que poderão permitir ao leitor novas elaborações.

A riqueza integral da obra de Graciliano Ramos só pode ser entrevista na medida em que verificamos a sua íntima relação com o panorama social da época. A estilização pela palavra, aqui, é ato extremamente sério no sentido de que não pretende ser mero fenômeno isolado, antes busca se inserir no processo global da realidade, como concretização que se constitui em elemento válido para a compreensão de determinado período histórico^{XI}.

As impossíveis histórias da personagem Alexandre encantam os leitores de Graciliano Ramos, não apenas pela ludicidade ensejada pelo folclore, mas também pelas evidências da conjuntura sociocultural. De uma forma ou de outra, personagens e autor se envolvem na situação de mendicância declarada que atingia o Nordeste do Brasil, assim como na magia e arte popular. Ao utilizar histórias do folclore alagoano Graciliano Ramos compôs uma obra extremamente representativa do período republicano brasileiro. Sobre os romances regionalistas e a arte de Graciliano Ramos, Rui Mourão diz:

[...] O conjunto de obras mais válido do romance nordestino de 30 não se comprometerá com a mera visão lúdica da realidade e terá no seu caráter de denúncia a feição mais imediatamente reconhecível, o que o desloca da área de influência de Gilberto Freyre, pondo à mostra a influxo mais sério e decisivo de Euclides da Cunha. No esforço de levantamento crítico da problemática regional, ninguém alcançará sequer um efeito aproximado da alta contundência da arte de Graciliano Ramos, que sempre se conservará fiel a uma pesquisa de essencialidade^{XII}.

Ele definiu a história da vida de Alexandre e das outras personagens em dois tempos, o tempo em que se conta a história e o tempo da mocidade da personagem Alexandre, ou seja, o tempo em que acontecem as histórias contadas por ele. Mesmo com essa divisão temporal que oscila durante toda a história, fica evidente a análise histórica que Graciliano Ramos faz dentro da obra. Em “Alexandre e Outros Heróis”, o cenário de uma fazenda decadente é apresentado para o leitor e junto com ele está o representante da classe menos favorecida, que tenta, através de suas histórias, provar a vida próspera que já teve um dia.

A vida que Alexandre deixou para trás esclarece a relação entre o tempo da personagem e do autor, da realidade sociopolítica a qual Graciliano Ramos estava inserido e que é investigada neste artigo. São os anos de 1930, época da política conhecida como Café com Leite, representada pelo revezamento dos Estados de São Paulo e Minas Gerais com um de seus representantes no poder. Diferentemente da burguesia cafeeira da região sul e sudeste do Brasil, a burguesia agrária nordestina tinha interesse em enfatizar a permanência do sistema político anterior ao pós - 30.

A estrutura colonial, sustentada pelos proprietários de terra, continuava imperante no país, mas um fato havia surgido e acabávamos de iniciar uma caminhada que para o futuro, seria irreversível: as concentrações urbanas começavam a ganhar importância, à medida em que apareciam as massas operárias perfeitamente caracterizadas e à medida em que a classe média, que sempre tivera seus interesses confundidos com os da aristocracia rural, ampliando-se consideravelmente, ganhava autonomia em suas posições^{XIII}.

O Governo de Getúlio Vargas estava configurado e ações opressoras à sociedade brasileira davam vazão ao processo de fortalecimento do Estado central brasileiro. Movimentos como, a Revolução Constitucionalista de 1932, a Intentona Comunista foram opositores aquele Governo e demonstraram a insatisfação da população. Sobre a sociedade e política no Brasil de 1930, Albuquerque Júnior, afirma:

A década de trinta é um momento de intensa disputa entre os diferentes projetos ideológicos e intelectuais para o país, momento em que as organizações e instituições como a Ação Integralista Brasileira, o Partido Comunista, a Aliança Nacional Libertadora, a Igreja, o Estado e seus ideólogos travam uma intensa batalha em torno da atribuição de um novo sentido a história do país, à nação e ao seu povo. Nesse momento a literatura se converte no meio de luta importante, para se impor como uma visão e como uma fala sobre o real [...]^{XIV}.

As histórias de “Alexandre e outros Heróis” se passam, justamente, no sertão de Alagoas, terra natal do autor, em um tempo pretensamente indeterminado, mas perfeitamente possível de ser contextualizado pelas vivências de Graciliano Ramos. A ficção e a realidade interagem, integrando o contexto das relações sociais e culturais estabelecidas regionalmente, porque o autor explora várias fases da vida da personagem principal, desde a adolescência até a fase adulta, para descrever o Nordeste de 1930. Na descrição do cenário da obra analisada, percebe-se isso: uma fazenda com uma casa em ruínas e dentro dela móveis velhos. Personagens pobres sem nenhum brilhantismo político. Um filho de fazendeiro arruinado pela cobrança de impostos do governo republicano conta histórias da sua mocidade, que apesar de serem peripécias duvidosas, demonstram a riqueza que um dia ele teve.

Protagonista das tramas, Alexandre tem uma presença central, mas contracenando especialmente com Cesária, a sua esposa. Em torno deles estão as demais personagens: a rezadeira Das Dores, afilhada do casal; Seu Libório, cantador de emboladas; Mestre

Gaudêncio, o curandeiro; além do cego preto Firmino. Evidentemente importante é o papel do cego preto Firmino que agrega todas as características de um antagonista. “O antagonista é aquele que vai obstaculizar a travessia do protagonista no alcançar seu objetivo”^{XV}. O cego preto Firmino, como os outros ouvintes, está sempre atento às histórias de Alexandre, porém, a magia e os efeitos encantatórios que o narrador utiliza para contar seus “melindrosos causos” parecem não surtir efeito com o cego que não deixa nenhum detalhe escapular de seus ávidos ouvidos, os quais parecem estar sempre esperando uma brecha que lhe permitiria interferir na narrativa de Alexandre. O encontro entre o protagonista e o antagonista resulta num choque, que forma o conflito da narrativa.

Das Dores, Gaudêncio e Seu Libório são coadjuvantes com participação reduzida e também fundamental na narrativa. Essas personagens coadjuvantes colaboram a todo o momento com a protagonista, pois a palavra de Alexandre é ouvida com grande respeito, como algo sagrado. O interesse de Alexandre pela sua própria história e aliado a sua oratória prendem as personagens e também o leitor e fazem com que ambos tenham a impressão de participarem da história. Alexandre envolve o leitor em seus causos cômicos e melindrosos, contando com participação de todos os coadjuvantes que tornam suas histórias ainda mais interessantes.

Graciliano Ramos deseja justamente envolver o seu leitor nos enredos inverossímeis e, portanto, pertencentes ao âmbito da ficção. Porém, por trás de Alexandre, locutor das histórias, há o narrador, uma figura sobre a qual muito se discute, disfarçado na figura da sua personagem. As histórias são escritas em terceira pessoa, impondo o distanciamento da objetividade, contando com personagens que se exibem, falam e se movimentam, mas, não oferecem espaço para os que queiram compreendê-los.

O leitor de Graciliano Ramos, certamente, usa a sua autonomia para desviar, alterar aquilo que o livro lhe pretende impor; aquilo que o autor busca atingir com os seus objetivos^{XVI}. Porém, a liberdade leitora jamais é absoluta por serem os hábitos e convenções que caracterizam a leitura, capazes de limitar as interpretações devido às mudanças que operam os gestos nos tempos e lugares, assim como os objetos e as razões de ler^{XVII}.

É claro que no contexto de livros e autores, o leitor será sempre um privilegiado, pois a leitura permite a descoberta, criação, adaptação de significados, a transformação; o leitor é um caçador que percorre terras desconhecidas, atribuindo significados ao texto, diferentes daqueles atribuídos pelo autor, editor, comentador^{XVIII}. Isso não reduzirá nunca a importância do objeto “livro” para a conservação da cultura de modo geral. “Alexandre e Outros Heróis” conserva as expressões dadas a ler que efetivamente representam a realidade cultural nordestina, sobretudo no que diz respeito à linguagem. O autor tinha consciência da força fundadora da linguagem, de sua capacidade de instauração de uma nova forma de ver e dizer a sociedade e o espaço regional, tendo efetivamente representado a oralidade e sua transformação no livro, este artefato impresso e planejado.

2. 1 - A oralidade conservada na obra “Alexandre e Outros Heróis”

Em “Alexandre e Outros Heróis” o narrador utiliza-se da memória para contar as mirabolantes histórias de sua adolescência, o que deixa claro a recomposição da vida pela linguagem, na forma escrita.

A memória não é um recurso que abriga as personagens de certezas e verdades incontestáveis, muito pelo contrário, a idéia do conhecimento de si, resulta numa construção móvel e aleatória, fruto de um saber precário e provisório nas suas conclusões e descrente no tocante a validade de suas premissas^{XIX}.

Por ser a memória contraditória e não conduzir a uma verdade apaziguadora, Graciliano Ramos utiliza-se dela, optando por pontos de esquecimento da história oficial, tecendo com as ideias e imagens do presente a experiência do passado que se renova, refaz-se, recria-se.^{XX} Assim destrói uma memória reprimida e inconformada com a mudança dos padrões sociais da época, pertencente aos donos de terra e de gado, aos vaqueiros, soldados e até mesmo aos pequenos negociantes ou lavradores cuja cultura é própria da burguesia. Graciliano Ramos traz, à tona, a memória dos desempregados que vivem à margem de uma sociedade produtiva, (uma rezadeira, um curandeiro, um cantador de emboladas e até mesmo um mendigo); enfim, destaca a memória dos filhos de burgueses falidos.

Sua obra faz uma crítica impiedosa de sua própria condição social. Seus personagens são, em sua maioria, filhos de proprietários rurais empobrecidos, cuja única oportunidade de sobreviver é o exercício do emprego público, conseguido de favor; personagens, representantes da pequena burguesia, filhos de comerciantes das cidades do interior e intelectuais de província, que vivem sob a dependência dos favores dos poderosos e vivem para eles se curvando^{XXI}.

“Alexandre e Outros Heróis” é um livro formado por contos brasileiros, mais precisamente do Estado de Alagoas, que tratam de um homem cheio de conversa, meio caçador e meio vaqueiro, alto, magro, já velho, chamado Alexandre, que vivia antigamente no sertão do Nordeste. Tinha um olho torto e falava cuspidando, espumando como um sapo - cururu, mas, isto não impedia que os moradores da redondeza até “pessoas de consideração” fossem ouvir as histórias fanhosas que ele contava. As personagens são representações do homem comum que convive com classes superiores, mas permanece na miséria, porque aquelas relações sociais só aumentam seus problemas. É o herói problemático que não aceita o mundo que o reprime e acaba por não aceitar a si mesmo, numa briga interna que só compete com a opressão e a dor da realidade massacrante. As suas histórias não são originais, mas coletadas dentre aquelas que circulavam oralmente no contexto nordestino, o que vem ratificar a utilização de elementos da vivência histórica e pessoal do autor, numa tentativa de imprimir maior autenticidade ao testemunho do universo retratado. Ele se apresenta a favor da oralidade com a tentativa de contar histórias para crianças; histórias que fazem parte do folclore alagoano e que estão inseridas no contexto social do Nordeste.

Ele busca escapar dos enunciados e imagens-chavões do discurso oficial; busca ridicularizar a língua sonora, gorgolejada, cheia de adjetivos compostos, tão enfeitada quanto cruz de beira de estrada, onde as palavras em desuso parecem ter mais valor. A língua da burguesia, gorda e branca como toucinho cru. Isso não significa, no entanto, que incorporasse a linguagem popular sem um trabalho crítico em relação à forma, as narrativas populares também deviam ser expurgadas de sua aderência à ideologia dominante. O empolamento da linguagem dos burgueses e a indigência da fala popular faziam parte da reprodução das relações de dominação que seu trabalho com a palavra queria abolir^{XXII}.

O autor busca fugir da linguagem dos burgueses para enveredar pela indigência da fala popular; mas não sem cuidados, muito pelo contrário, por meio de um trabalho crítico em relação à forma que aborda. A personagem Alexandre sempre tenta sustentar a sua dignidade e o respeito dos que o cercam, embora os excessos verbais representem sempre um risco por ele ser um mentiroso nato, que é facilmente levado pelo entusiasmo, devido à grande eloquência e imaginação fértil que possui. Sem contar com a notável consideração que ele

desfruta de seus ouvintes, uma vez que Alexandre coloca-se numa condição superior e intocável no tocante às contestações de qualquer um de seus ouvintes.

As histórias melindrosas e aventureiras são praticamente compostas por diálogos, sendo legitimadas pelos fiéis ouvintes que demonstram verdadeiras necessidades em escutar aquelas palavras encantadas do discurso de Alexandre. O discurso parece corresponder claramente às exigências da plateia porque a personagem realmente procura enfeitar a sua narração a fim de sustentar o seu público entusiasmado e sedento de suas histórias. Por estarem inseridas em uma condição de marginalização social, as personagens buscam, nas histórias de Alexandre, um conforto que é possível com a imaginação. A fixação pelo passado, por uma ideia de querer sempre viver uma emoção perdida, também é uma característica dos romances regionalistas.

3. Considerações finais

“Alexandre e Outros Heróis” de Graciliano Ramos é uma obra que remete a cultura nordestina do período republicano no Brasil. Trata de um cenário de desestruturação política e social e reconstitui a história regional a partir da oralidade que se apresenta como ponto característico da cultura local. Perceber como a cultura nordestina se apresenta naquela obra foi o objetivo principal deste artigo, o qual é atingido à medida que se assume o seu caráter regionalista e reconhece os elementos folclóricos e os fatos sociais que a compõem como elementos de uma cultura regional. As histórias são constituídas por personagens que podem muito bem ser identificadas com o homem comum nordestino que convive com classes superiores, mas permanece na miséria. É o homem pobre que vive as mazelas da República representada na descrição do cenário da obra analisada, da fazenda em ruínas. Por fim, é o homem cheio de conversa, meio caçador e meio vaqueiro, alto, magro e velho – o sertanejo de olho torto, modos grotescos e até mentiroso, embora digno de respeito por sua eloquência e por seu entusiasmo.

Em busca do objetivo, foram aplicados os fundamentos teóricos e metodológicos da História Cultural, que por serem originados de diferentes heranças e tradições, privilegiam objetos, domínios e métodos distintos. Questões relacionadas à cultura popular, às práticas culturais, aos discursos e à linguagem interessam aos historiadores desta abordagem, de modo que, neste texto, as questões do imaginário explicam a realidade por serem matrizes que geram as práticas sociais e os comportamentos. De fato, toda prática social é produzida por representações que ao serem narradas podem ser também lidas culturalmente. Sendo assim, as narrativas do passado tiveram aqui o papel de construir uma representação e construir a partir da nova história cultural uma história da cultura nordestina. Apesar das contradições características das diversas teorias que constroem a nova história cultural, ela sempre apresenta inovações e contribuições extremamente importantes para a historiografia e, por isso, serviu para compreender Graciliano Ramos como um autor consagrado nacionalmente por seus estudos regionalistas.

Do ponto de vista da sua produção infantil, Graciliano Ramos ainda é pouco abordado, embora a sua obra literária apresente diversos elementos da cultura regional nordestina, não somente os aspectos políticos, econômicos e sociais. Em “Alexandre e Outros Heróis” ele inova porque reúne as expressões linguísticas que efetivamente representam a realidade nordestina, ou seja, a sua própria experiência de vida. De forma consciente, ele mostra a força fundadora da linguagem, de sua capacidade de instauração de uma nova forma de ver e dizer a sociedade e o espaço regional. Aquela é uma obra de contos brasileiros, de histórias coletadas no contexto da oralidade, da vivência pessoal do autor, mais precisamente do Estado de Alagoas. Todos os espectadores de Alexandre, sejam as personagens ou os leitores da obra,

flutuam entre a magia e a arte popular, sem perder de vista o fato de estarem situados em um dado contexto sócio-político.

Ainda que em formato e gênero pouco usuais na produção literária do autor, os contos para o público infanto-juvenil “Alexandre e Outros Heróis” mostram as mesmas preocupações dos outros textos de Graciliano Ramos: a descrença na justiça e na política; a luta entre as estruturas rurais e arcaicas com as forças urbanas modernizadoras; a denúncia da miséria; a aversão ao capitalismo; a irritação com o uso da linguagem empolada. Pesquisar profundamente a obra de Graciliano Ramos é tarefa necessária e ainda por fazer, principalmente por seu valor como artefato da cultura que comporta importantes discussões sobre a oralidade e sobre o Nordeste brasileiro, assim como sobre o papel pedagógico que os livros - mesmo aqueles de personagens hiperbólicos, como o herói das narrativas aqui analisadas - devem oferecer ao ensino de História^{XXIII}.

Notas

^I Licenciada em História/UFS. Especialista em Ensino de História/Faculdade São Luiz de França. E-mail: professora.moemadantas@gmail.com

^{II} FELINTO, Marilene. **Graciliano Ramos: outros heróis**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983, p.10.

^{III} SANTOS, C. M. D. **Traços da oralidade no texto de Graciliano Ramos: “Alexandre e Outros Heróis”** (1938). São Cristóvão, 2010.

^{IV} ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste: e outras artes**. 3ed. São Paulo: Cortez, 2006, p. 89.

^V ABEL, Carlos Alberto dos Santos. **Graciliano Ramos: cidadão e artista**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999, p.289.

^{VI} BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Tradução Sérgio Goes de Paula. 2ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

^{VII} LANGER, Jhonni. A Nova História Cultural: origens, conceitos e críticas. Disponível em: <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=artigos&id=186>>. Acesso em: 13 de maio de 2015.

^{VIII} FELINTO, Marilene. **Graciliano Ramos: outros heróis**. São Paul: Editora Brasiliense, 1983.

^{IX} MORAES, Dênis. **Graciliano Ramos: prefeito revolucionário**, 2007. Disponível em: http://www.pcb.org.br/fdr/index.php?option=com_content&view=article&id=341:graciliano-prefeito-revolucionario&catid=13:120-anos-de-graciliano>. Acesso em: 11 de maio de 2015.

^X MORAES, Dênis. **O velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos**. Rio de Janeiro: Boitempo Editorial, 2012.

^{XI} MOURÃO, Rui. **Estruturas, ensaios sobre o romance de Graciliano**. Rio de Janeiro, Arquivo Editora e Distribuidora, 1971, p. 135.

^{XII} MOURÃO, Rui. **Estruturas, ensaios sobre o romance de Graciliano**. Rio de Janeiro, Arquivo Editora e Distribuidora, 1971, p. 144 e 145.

^{XIII} MOURÃO, Rui. **Estruturas, ensaios sobre o romance de Graciliano**. Rio de Janeiro, Arquivo Editora e Distribuidora, 1971, p. 136.

^{XIV} ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste: e outras artes**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2009, p. 234.

^{XV} ABEL, Carlos Alberto dos Santos. **Graciliano Ramos: cidadão e artista**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999, p.265.

^{XVI} ABEL, Carlos Alberto dos Santos. **Graciliano Ramos: cidadão e artista**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

-
- ^{xvii} CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun.** São Paulo, SP: UNESP, 2008.
- ^{xviii} CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun.** São Paulo, SP: UNESP, 2008.
- ^{xix} MIRANDA, Wander Melo. **Graciliano Ramos.** São Paulo: Publifolha, 2004. Folha Explica, 2004, p. 10.
- ^{xx} MIRANDA, Wander Melo. **Graciliano Ramos.** São Paulo: Publifolha, 2004. (Folha Explica).
- ^{xxi} ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste: e outras artes.** 3 ed. São Paulo: Cortez, 2006, p.232.
- ^{xxii} ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste: e outras artes.** 3 ed. São Paulo: Cortez, 2006, p.231.

Referências bibliográficas

- BEL, Carlos Alberto dos Santos. **Graciliano Ramos: cidadão e artista.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.
- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste: e outras artes.** 3 ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Tradução Sérgio Goes de Paula. 2ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Afonso de Miranda. **A História Contada: capítulos de História Social da Literatura no Brasil.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. – História do Brasil.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun.** São Paulo, SP: UNESP, 2008.
- FELINTO, Marilene. **Graciliano Ramos: outros heróis.** São Paul: Editora Brasiliense, 1983.
- LANGER, Jhonni. A Nova História Cultural: origens, conceitos e críticas. Disponível em: <<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=artigos&id=186>>. Acesso em: 13 de maio de 2015.
- MIRANDA, Wander Melo. **Graciliano Ramos.** São Paulo: Publifolha, 2004. (Folha Explica).
- MORAES, Dênis. **Graciliano Ramos: prefeito revolucionário.** Disponível em: <http://www.pcb.org.br/fdr/index.php?option=com_content&view=article&id=341:graciliano-prefeito-revolucionario&catid=13:120-anos-de-graciliano>. Acesso em: 11 de maio de 2015.
- MORAES, Dênis. **O velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos.** Rio de Janeiro: Boitempo Editorial, 2012.
- MOURÃO, Rui. **Estruturas, ensaios sobre o romance de Graciliano.** Rio de Janeiro, Arquivo Editora e Distribuidora, 1971.
- RAMOS, Graciliano. **Alexandre e outros heróis.** 53ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- SANTOS, C. M. D. **Traços da oralidade no texto de Graciliano Ramos: “Alexandre e Outros Heróis” (1938).** São Cristóvão, 2010. 38 p.

A ORALIDADE NORDESTINA REPRESENTADA POR GRACILIANO RAMOS NA OBRA
“ALEXANDRE E OUTROS HERÓIS” (1938)

CAROLINE MOEMA DANTAS SANTOS

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão:** tensões sociais e criação cultural na primeira fase da República. 2ª. Edição. São Paulo: Brasiliense, 1983.

Fontes

RAMOS, Graciliano. **Alexandre e outros heróis.** 53ª ed. ed.- Rio de Janeiro: Record, 2008.